

Têrça-feira, 14 de Julho de 1959

RUBEM BRAGA

O DEUS NU

É esse livro «O Deus Nu», de Howard Fast, tradução de Osvaldo Peralva e Aluizio Medeiros, editôra Saga, é mais um depoimento dramático de intelectual que entrou para o Partido Comunista (no caso, o dos Estados Unidos) e d'êle saiu.

Foi o famoso relatório secreto de Khrushchev no Vigésimo Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956, que decidiu Fast a cortar as amarras que o prendiam ao partido.

Khrushchev disse, afinal de contas, tudo o que milhares de pessoas tinham dito antes sôbre a história da Rússia nos últimos 25 anos. A diferença é que essas pessoas tinham sido chamadas de «inimigos do povo», «lacaio de Wall Street», «sujos traidores», «víboras repelentes» e outras finezas. Foram, por isso, eliminadas na Rússia ou excomungadas em outros países. Nenhum comunista no mundo inteiro lhes deu crédito quando denunciaram os crimes do regime. Mas de Khrushchev, como duvidar? O impacto foi forte demais, e abalou as hostes comunistas no mundo inteiro, inclusive no Brasil, onde pouco antes o jornal comunista instituíra um mimoso concurso de poemas sôbre a personalidade de Stalin, o «guia genial».

Howard Fast foi dos que não acreditaram na infantil explicação de Khrushchev de que a culpa de tudo fôra o «culto da personalidade»; sentiu que o mal residia na própria estrutura do partido. O que êle conta sôbre o funcionamento do partido norte-americano é, com pequenas variantes, o que se viu aqui e em outros países. Êle traça o retrato psicológico dos simples membros do partido «sacrificados, dedicados, atraídos inicialmente pela visão do socialismo, justiça e fraternidade humana... forçados por pressões internas e externas à auto-suficiência, à estreiteza, religiosidade e adoração do partido» e outro do «dirigente do partido». Este último é impressionante. Só mesmo um romancista como Fast teria finura psicológica para caracterizar tão bem êsse tipo, seus truques, sua onisciência e seu modo de protegê-la, sua capacidade de só «pensar politicamente», eliminando suas impressões e reações como sêr humano.

O livro é riquíssimo de observações, muitas dolorosas; mas não é o livro de um desesperado. Êle acredita numa humanização do regime russo, apesar do exemplo da Hungria e da volta à literatura dirigida.

Mas não é de esperar que a geração de Khrushchev seja capaz disso. Agora mesmo lemos num jornal brasileiro a declaração de um patricio nosso que participa do Congresso de Cultura de Praga. Conhecemos o autor, homem que, para mostrar lealdade ao partido e «dureza», não hesitou em insultar com injustiças e infâmias amigos íntimos; homem que engullu todos os sapos levado pela mística partidária. Pois êle confessa que «o tom geral do Congresso não autoriza nenhuma expectativa de mudança na rigidez de linha», que o «poder socialista é... hostil no plano ideológico à fantasia criadora dos escritores e artistas, que não sabem mais onde fica a temível fronteira cuja transposição significa invadir o maliciado território do revisionismo».

Depois do «degêlo» houve, portanto, outro endurecimento. O livro de Fast nos ajuda muito a compreender êsse tipo de mentalidade.